

# O PROCESSO EDUCATIVO DE INCUBAÇÃO DO PROJETO CANTINA SOLIDÁRIA: O CASO DA COOPERMASOL

Patrícia Guimarães Costa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho faz uma reflexão sobre a temática da economia solidária e como a Universidade Estadual de Feira de Santana, enquanto produtora de conhecimento tem tratado a gestão dos empreendimentos solidários. Neste trabalho articula-se a teoria à prática, através de um estudo de caso sobre o Projeto Cantina Solidária que está sendo desenvolvido, pela Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária-IEPS junto ao grupo Companheiras de Mãos Solidárias - COOPERMASOL. A indagação que permeia o processo de estudo consiste em querer saber: De que maneira está sendo desenvolvido o processo educativo de incubação junto ao grupo? Como resultado da pesquisa foi possível avaliar indicadores de melhoria da qualidade de vida, incremento da renda, elevação da autoestima com destaque no processo de incubação e desincubação, que contribuiu como articulador de conhecimentos, através da troca com e em benefício dos saberes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Economia Solidária. Incubadoras. Processo de incubação.

## 1 INTRODUÇÃO

O modelo econômico capitalista adotado pelo Brasil ao longo dos anos, mesmo tendo sido capaz de produzir riquezas, deixou um legado histórico de desigualdades e pobreza, constituindo uma realidade dual: a) uma elite que consegue ter acesso ao que é produzido pela sociedade capitalista moderna ocidental; b) parte da população sem acesso ao mercado e conseqüentemente aos bens de consumo, sujeitos ao desemprego e à exclusão social.

Partindo dessa ideia, houve a intenção de investigar sobre a temática da economia solidária, como uma nova relação com a sociedade, um sentimento mais igualitário e coletivo de erradicação da fome e da pobreza.

O entendimento de economia está presente na abordagem de Arruda (2000), para o autor a economia é percebida, na maioria das vezes, como uma intimidação e uma imposição que nos obriga a viver em função de um trabalho apenas para sobreviver, no entanto, na perspectiva da cooperação e da solidariedade, a atividade econômica ganha uma dimensão de encantamento, tendo em sua essência a dimensão social e humana. A riqueza material cede lugar à riqueza do ser, do fazer e do ter, a competição cede lugar à cooperação solidária, à partilha, à complementaridade e a reciprocidade.

---

<sup>1</sup>Mestre em Planejamento Territorial pela Universidade Estadual de Feira de Santana, gpatcosta@gmail.com

Reconhece-se a necessidade da consolidação dos empreendimentos solidários e grupos dessa natureza, sejam cooperativas, associações ou grupos informais com o apoio das universidades, não só porque são produtoras de conhecimento, mas porquê em seus três pilares de sustentação: ensino, pesquisa e extensão, o compromisso com a questão social deve estar presente. Assim, esse trabalho faz uma reflexão sobre a gestão de empreendimentos solidários na Universidade Estadual de Feira de Santana, através de um estudo de caso sobre o Projeto Cantina Solidária, formado pela Coopermasol – Companheiras de Mãos Solidárias.

O objetivo central da pesquisa é analisar o processo educativo prestado pela Incubadora à Coopermasol na geração de emprego, renda e autonomia dos sujeitos. Para efeito de operacionalização da pesquisa, desdobram-se os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar a história do grupo Companheiras de Mãos Solidárias - COOPERMASOL;
- Analisar o processo educativo de incubação prestado pela Incubadora de Iniciativa da Economia Popular e Solidária - IEPS da UEFS;
- Investigar a condição trabalho, incremento de renda e melhoria na qualidade de vida dos cooperados envolvidos no processo (antes e depois do apoio da IEPS);

Como a questão central da pesquisa envolve a COOPERMASOL e a IEPS foi de fundamental importância buscar documentos a fim de conhecer a história do grupo e como foi desenvolvido o processo educativo. A incubadora disponibilizou o Projeto da incubadora, a Carta de Princípios, o Estatuto do grupo, o Projeto da Cantina Solidária, o Relatório Técnico da Incubadora e o Relatório da Pesquisa de Satisfação. Foi realizada a análise documental para a caracterização da COOPERMASOL e para conhecer a Incubadora, suas ações e projetos e como estava sendo desenvolvido o processo de incubação.

Após a finalização da análise dos documentos, o projeto da pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, esse procedimento foi necessário em virtude da necessidade de se fazer entrevistas, pois os dados conseguidos não foram suficientes para sanar todas as dúvidas. A aproximação se deu por intermédio da incubadora, individualmente foi feito o convite para participar da pesquisa através de entrevistas. O local foi escolhido por cada membro do grupo. Todos os integrantes da COOPERMASOL foram entrevistados, em número de sete, todas mulheres, e os professores que estavam diretamente ligados ao Projeto Cantina Solidária, em número de dois. As entrevistas foram gravadas e transcritas, as questões nortearam-se por um roteiro simples e as informações coletadas foram identificadas por uma codificação

específica, cada entrevistado possui uma letra que vai de A até I, já que foram nove entrevistados. Da correlação entre os elementos do referencial teórico com os dados coletados na análise documental e dos dados primários é que foram organizados os argumentos para a elaboração desse trabalho.

## 2 ANÁLISE CONCEITUAL SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Etimologicamente a expressão economia solidária é uma composição derivada das palavras gregas *Óikos* (casa, bens...) e *nomos* (norma, regime...) que significa gestão da casa, e da expressão latina *Solidum*, que na concepção romana significa responsabilidade de cada um com o grupo social.

Seguindo a corrente de pensadores, é possível caracterizar a economia solidária como:

[...] um sistema econômico-social que se constitui por múltiplas formas associativas e empreendimentos solidários pelos princípios e valores universais da solidariedade, da cooperação e da democracia como formas de vida e de convivência humana (PAEZ, 2001, p.57).

Segundo o autor a economia solidária é um *modus vivendi*, palavras em latim que juntas significam acomodação na disputa entre partes para permitir vida em conjunto. Pode-se perceber que o conceito caracteriza uma nova forma de organização do trabalho baseado em valores que abrangem a todos de forma igualitária, enfatiza a cooperação, partilha, autogestão e as formas de convivência que possibilitem uma melhor qualidade de vida.

Como a economia solidária é um movimento emancipatório, os termos conceituais estão longe de ser unanimidade entre os teóricos, podemos trazer outro conceito, que fala das bases ideológicas da economia solidária e em suas palavras define:

[...] é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda. (SINGER, 2000, p. 11)

Percebe-se que Singer é um autor com viés socialista, para ele, conforme conceito acima, economia solidária é outro modo de produção, pautado na solidariedade e na redistribuição da renda de forma igualitária em que os cooperados juntos produzem e vendem seus produtos, o resultado desse processo exige mecanismos estatais de

redistribuição solidária de renda. Para o estudo de caso que se objetiva, as análises conceituais são importantes para reconhecer a complexidade do discurso elaborado em torno do tema.

### **3 CARACTERIZANDO A INCUBADORA DE INICIATIVAS DA ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA – IEPS**

O Projeto de implantação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Estadual de Feira de Santana, assim denominada inicialmente, foi resultado do Edital 007/2008, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, de apoio a Incubadoras de Empreendimentos Econômicos Solidários. A ITCP foi implantada em 2008, na fase inicial, o projeto foi cadastrado na Extensão pela resolução do CONSEPE 150/2010 e na Pesquisa pela resolução do CONSEPE 116/2010. A consolidação desta estrutura foi gerida e acolhida pela Pró-Reitoria de Extensão, como também pelo Núcleo de Inovação Tecnológica – NIT da UEFS.

As experiências de incubação de cooperativas populares nas Universidades têm se apresentado como uma forma efetiva de qualificar o conhecimento produzido, a partir de demandas reais da sociedade, consolidando, assim, a relação entre ensino, pesquisa e extensão. Entende-se o conceito de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares - ITCPs como:

Um empreendimento que dispõe de uma equipe técnica para fornecer apoio, durante um determinado período de tempo, visando contribuir para o processo de aprendizagem de pessoas e grupos dispostos a montar e gerir uma cooperativa de forma sustentada, sem relação de dependência. (OLIVEIRA L., 2003. p.64)

O conceito acima aborda algumas questões: os recursos humanos, as características de sua metodologia de trabalho e o objetivo das incubadoras. Segundo Nunes (2009), no caso de incubadoras universitárias as pessoas envolvidas são os professores, estudantes e técnicos de apoio. O Projeto da Incubadora insere-se na perspectiva do desenvolvimento e aprimoramento da gestão de empreendimentos solidários entendendo-a como um caminho no combate à pobreza na consolidação de nova forma de organização do trabalho, de modo cooperativo, associativo e autogestionário.

A Universidade Estadual de Feira de Santana reconhecendo a necessidade da integração com a comunidade externa por meio de projetos de extensão, pesquisa e atividades de caráter continuado, começa a dar seus primeiros passos no âmbito da

economia popular e solidária. Segundo Pita e Lima (2013), a incubadora constitui-se em um programa interdisciplinar de caráter permanente, com possibilidade de participação da comunidade externa, por meio de projetos de extensão e/ou pesquisa e outras atividades de caráter continuado no âmbito da economia popular e solidária.

Com relação à organização administrativa, a IEPS é formada por uma estrutura simplificada, sem hierarquização. O processo de construção do diálogo é interativo, através da troca dos saberes.

Segundo Lima (2011), a incubadora desenvolve algumas ações e projetos, discriminados a seguir:

- **Projeto da Cantina Solidária**, formado pelo grupo das Companheiras de Mãos Solidárias – COOPERMASOL. O grupo está num processo educativo de incubação na cantina do módulo VII na Universidade Estadual de Feira de Santana. Analisar esse estudo de caso é o objeto desse trabalho.

- **Projeto Tecnologias Sociais e Cidadania**, coordenado pelo professor Pablo Piras do Departamento de Tecnologia da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. O objetivo do projeto é contribuir com as boas práticas de manejo e acondicionamento do camarão, na cidade de Ipuacu.

- **Projeto Redes para Trabalho Decente e Proteção do Meio Ambiente (CATADORES)** é interinstitucional, possui financiamento próprio, está em parceria/rede com a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, a Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB e a Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, tem como principal objetivo contribuir para a organização de catadores desorganizados, na cidade de Feira de Santana.

- **Projeto Instituto Pacatu**, criado em dezembro de 2013, é uma entidade não governamental beneficente, sem fins lucrativos, com sede em Santa Bárbara, estado da Bahia. Tem por objetivo uma ação educativa social, onde professores se reúnem e proporcionam gratuitamente cursos profissionais, entre eles cursos pré-vestibular, oficinas de cinemas e curso de violão, contemplando crianças e jovens carentes da comunidade.

E entre as ações destacam-se:

- O Apoio ao Movimento Sem Teto da Bahia
- Apoio ao Sindicato dos Camelôs de Feira de Santana - SINDICAME

#### **4 A HISTÓRIA DA COOPERMASOL**

A Coopermasol tem sede na Rua Intendente Abdon, 744, bairro Queimadinha, na cidade de Feira de Santana. A maioria dos habitantes do bairro tem sobrevivência garantida nas feiras livres, com trabalhos ambulantes de camelôs, feirantes, lavadeiras de roupas e comercialização do amendoim.

Inicialmente o grupo era formado por 23 membros, composto de amigos e vizinhos que se uniram em busca de alguma fonte de renda. Até então não tinham nenhum conhecimento sobre os princípios solidários, nem tinham a intenção de seguir bases teóricas do cooperativismo, ou algo parecido. O intuito era o de sobreviver. A aproximação da Incubadora com o grupo se deu em 2008, por intermédio da professora Sônia Lima, na igreja que frequentavam. Segundo Pita e Lima (2013), os encontros passaram a ser no fundo da casa de uma das integrantes, onde a incubadora passou a acompanhar o grupo e os encontros foram cada vez mais frequentes.

Em 2013 surgiu o espaço de uma das cantinas no campus na Universidade Estadual de Feira de Santana, foi feita uma seleção pública, mas não houve inscritos. Então, pelo trabalho que a incubadora já tinha estabelecido com o grupo foi sugerido que a cantina poderia ser ocupada como um espaço pedagógico fazendo parte do projeto de incubação, vinculado a Pró-Reitoria de Extensão e a IEPS – Incubadora de Iniciativa da Economia Popular e Solidária. Através de um projeto junto à FAPESB, foi garantida a aquisição de geladeira, mesa, móveis, utensílios, fogão, entre outros.

Convém ressaltar que a adesão e a saída de membros são constantes, eles são livres para permanecer ou não no grupo, desta forma, atualmente o grupo é composto por sete componentes, todas mulheres, apenas duas delas estão desde o início da incubação. Em março de 2013, se iniciou um processo de normas de convivência do grupo, no sentido de auxiliar na construção autônoma das regras que disciplinassem suas atividades e relações. A intenção desse processo foi fazer com que as regras nascessem do diálogo entre os membros do grupo, para que fossem legitimadas e adotadas em suas práticas cotidianas.

Segundo Pita (2013) o espaço da cantina é pedagógico sendo considerado como laboratório de orientação e observação.

## **5 CARACTERIZANDO O PROCESSO EDUCATIVO DE INCUBAÇÃO**

No que tange ao processo educativo, as incubadoras se norteiam através de três fases: pré-incubação, incubação e desincubação, especificaremos a seguir algumas

etapas desse processo. É importante salientar que as ações não são necessariamente sucessivas, as etapas são muitas vezes simultâneas.

**Pré-incubação:** As primeiras iniciativas para formação da cooperativa se deram em 2008, simultaneamente à criação da incubadora. O grupo era informalmente formado, com sede no bairro da Queimadinha, em Feira de Santana – Bahia, composto por desempregados jovens, semi-alfabetizadas, pessoas com idade avançada, e alguns aposentados e pensionistas. O processo de pré-incubação propriamente dito se deu através de entrevistas semiestruturadas, realizadas na sede, individualmente. Essa escolha se deu para conhecer e sistematizar as características do grupo, além de identificar as perspectivas individuais dos membros. Foi possível também, através das entrevistas identificar o nível de coesão e o sentido de coletividade do grupo.

Inicialmente o grupo trabalhava com três segmentos: alimentação (mocolato, feijoada, sarapatel, dobradinha, maniçoba), artesanato (fabricavam roupas e bolsas) e prestação de serviços (encanamento, limpeza e pintura). Na pré-incubação foi necessário definir os interesses e objetivos do grupo. Desta forma o grupo optou por trabalhar com o gênero alimentício.

**Incubação:** Antes de começarmos a tratar da incubação do grupo propriamente dita, vale a pena caracterizar a incubação de iniciativa da economia popular e solidária como:

Um processo educativo determinado por diversos fatores – econômicos, culturais, políticos e também pedagógicos. Como tal, precisa ser definido de acordo com seu contexto histórico-social-local. (PITA e LIMA, 2013, p. 4)

Em outras palavras, a incubação é um processo de organização e acompanhamento no qual, valores e competências são estimulados com base em princípios de cooperação e solidariedade.

Pita e Lima (2013) afirmam que o processo de incubação se subordina aos fundamentos da Economia Popular e Solidária, visando a integração dos sujeitos, tendo como valor principal o trabalho-educação. As metodologias adotadas variam de acordo com as particularidades de cada grupo, considerando o grau de instrução, singularidades culturais, localização, integração, entre outras.

Em 2013 a incubadora conseguiu um espaço de uma das cantinas do *campus* da Universidade como espaço pedagógico e por meio de projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia – FAPESB, o grupo adquiriu o montante de R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais) investidos em equipamentos, móveis e utensílios destinados a garantir as atividades do mesmo. O processo de incubação se desenvolveu sob os seguintes procedimentos: encontros quinzenais, através de rodas de conversa,

para garantir a capacitação técnica do grupo, nos encontros foram abordados temas como cooperativismo, fundo rotativo, conceito sobre economia solidária, boas práticas na produção de alimentos, controle de contas, oficinas que ensinam a fazer reuniões, entre outras. Além da construção com o grupo das regras de convivência.

Segundo Cunha (2002) o processo de incubação é constituído pela formação dos integrantes do grupo, através dos cursos de capacitação e aprimoramento, como também o acompanhamento do processo educativo, no que se refere à motivação, organização da produção, planejamento, controle administrativo, gestão democrática, finanças e aspectos jurídicos, ou seja, o grupo nessa fase deve aprender e aplicar.

Como os referenciais teóricos e as análises documentais não foram suficientes para perceber como o grupo estava analisando o Projeto Cantina Solidária foi necessário ouvir os membros, através das entrevistas. Com base nisso foi possível trazer para este trabalho aspectos identificados através da investigação e apontados pelo grupo, destacando três aspectos:

- a) Aprendizado
- b) Elevação da autoestima
- c) Incremento da renda

O grupo reconheceu que através do Projeto houve melhoria na qualidade de vida, começando pelo aprendizado através dos cursos, oficinas e desafios enfrentados e superados com o trabalho cotidiano. O aprendizado é o somatório da teoria e prática. Com relação à autoestima consideramos um dos aspectos mais importantes, porque a mudança passa a ser de dentro para fora, aquele que se encontrava em situação de vulnerabilidade passa a sentir-se útil, capaz de produzir, de conseguir seu dinheiro e manter-se.

Nenhum dos membros manifestou enfaticamente que houve uma mudança financeira significativa, a arrecadação varia em torno de um salário mínimo para cada. Ressaltamos que a cantina gera um custo mensal aproximado de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) para a Universidade, e que o grupo não assume nenhum custo. Em 2013, a cantina movimentou em torno de R\$ 110.000,00 (cento e dez mil reais) e nos dois anos de funcionamento houve uma circulação financeira em torno de R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais). A cantina atende o quantitativo médio de 600 pessoas por semana. Os números apresentados reforçam que o Projeto Cantina Solidária tem atendido as expectativas.

Houve a preocupação, neste trabalho, de confrontar se de fato o grupo estava aplicando os princípios solidários. Nesta perspectiva, foi interessante perceber o relato do



grupo quanto a importância da autogestão, ou seja administrar o próprio negócio, como por exemplo cita a entrevistada A: “*é diferente de ter um patrão de tá trabalhando para alguém, agente fica mais livre*”, notamos nessa fala que os princípios da economia solidária estão sendo exercidos, a liberdade individual e um modo de organização do trabalho pautado na solidariedade e na redistribuição de renda em que os membros do grupo juntos produzem e vendem, não existe a distinção de patrão e empregado.

#### **QUADRO 01 – Análise comparativa das características do grupo antes e depois do Projeto Cantina Solidária, 2015**

<b>Antes do Projeto</b>	<b>Depois do Projeto</b>
Não tinham sede, se reuniam no fundo da casa de uma das integrantes	Ganharam um espaço pedagógico na UEFS, na cantina do Módulo VII.
Comercializavam aos finais de semana (casualmente)	Passaram a atender diariamente, nos três turnos (manhã, tarde e noite)
Não era um grupo formal	Estão em processo de formalização, o contrato social está em fase de elaboração
Não estavam enquadradas como grupo de Economia Solidária	Estão certificados, pela IEPS, como grupo de Economia Solidária
A maioria não possuía renda fixa	Retirada fixa mensal (em média um salário mínimo)
Pouca experiência com a venda de alimentos	Adquiriram experiência (livros de caixa, controle de estoque, compras e administração)
Baixo grau de aprendizado	Diversos cursos (Boas práticas, reciclagem, Como Administrar, Conceitos sobre Economia Popular e Solidária)

Fonte: Trabalho de campo, março/2015.

Elaboração: Patrícia Guimarães Costa.

Diante do que foi apresentado e com base nos dados descritos no quadro acima, concluímos que houve uma significativa melhoria na qualidade de vida dos membros, com o projeto eles adquiriram novas possibilidades e a ideia de cooperativismo ganha força. Mesmo os que saíram do grupo, com a formação e ensinamentos que tiveram no projeto, contribuiu para que vislumbrassem outras atividades, outras possibilidades de renda e novas perspectivas de vida.

**Desincubação:** Teoricamente, é quando o grupo está pronto e auto-suficiente para o retorno à sede com condições favoráveis à efetiva autogestão. O que se espera do grupo nessa fase são os resultados. Segundo Cunha (2002), os resultados devem ser apresentados na forma de relatórios e o processo de desincubação tem como última etapa o encaminhamento do grupo à sede, com independência e autonomia. No caso específico, a desincubação envolve duas questões: o grupo precisa ser formalizado e

para onde o grupo vai quando o projeto acabar. A previsão de saída da Coopermasol é em 2015, e essas duas questões precisam ser sanadas.

Com relação à formalização, reportamos que foi uma das principais preocupações da incubadora para este grupo, pois se manter na informalidade seria a opção a menos indicada, pois impediria o registro do grupo, assim como não teria o estatuto jurídico e também não poderia participar de editais. A incubadora apresentou três opções para a formalização do grupo, salientamos que a decisão deve ser feita pelo grupo, entre as opções apresentadas a seguir:

1. Associação;
2. Cooperativa;
3. Sociedade simples em nome coletivo

Todas elas estão alinhadas aos princípios de Economia Solidária e a autogestão. Acreditamos que é interessante caracterizar algumas vantagens e desvantagens de cada uma.

**Quadro 02 - Comparativo entre Cooperativas, Associações e Sociedade Simples em Nome Coletivo.**

	<b>Cooperativa</b>	<b>Associação</b>	<b>Sociedade simples em nome coletivo</b>
<b>Principais</b>	- Correspondência com a natureza do vínculo e objetivos dos grupos de	- Simplicidade do processo de criação e registro - Suposta imunidade	- Simplicidade do processo de criação e registro - Relativa correspondência com a natureza do vínculo
<b>Principais</b>	- Complexidade estrutural e onerosidade contábil-fiscal	- A forma jurídica pressupõe a ausência de fim econômico, o que acaba resultando	- Pouca disseminação do uso da forma, que pode representar obstáculos na certificação e no exercício

Fonte: Palestra na Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária – IEPS, novembro de 2014.  
Elaboração: Flávia Pita

Percebemos que todas as opções estão em consonância com os princípios da economia solidária, no caso da cooperativa haveria plena correspondência aos objetivos do grupo. A associação seria a opção mais indicada pela suposta imunidade tributária, pela simplicidade do registro e por ser vista, conforme Santos (2010) como uma forma de se alcançar objetivos coletivamente. Ou seja, a associação teoricamente, busca solucionar questões de inclusão social. O único entrave para sobre a forma jurídica que pressupõe a ausência de fim econômico, impossibilitando o grupo da comercialização dos seus produtos. Já a sociedade simples em nome coletivo possui um custo baixo e permite a comercialização, além de corresponder aos fundamentos da economia solidária com possibilidades da adequação do contrato social.

Os integrantes da Coopermasol entendem que só poderão expandir o negócio se houver a formalização, inclusive é uma condição para que participem de processos licitatórios. O grupo escolheu ser Sociedade Simples em Nome Coletivo, por ser mais simples, por se enquadrar no perfil do grupo e por ter um custo mais baixo. Como consta na fala abaixo:

Temos ultimamente discutido a formalização do grupo. Nós optamos pela Sociedade Simples em Nome Coletivo. Eles ouvem agente e fazem como agente quer, não se interferem em nossa opinião. O nome pode mudar estamos pensando isso. Estamos vendo. Ainda vai ser decidido.  
(Entrevistado F)

Acredita-se que a decisão pela formalização com o modelo de Sociedade Simples foi a melhor opção, diante de todos os benefícios que o formato oferece e que já foi apresentado anteriormente. Quanto à saída do grupo, até o presente momento não sabem para onde vão, cabe a reflexão que, mesmo que não consiga de imediato se instalar em outro local, o processo educativo que foi formado não se perderá, levará consigo os ensinamentos adquiridos, as experiências vividas e a vontade de continuar.

Há a percepção, por parte da incubadora, através dos membros envolvidos, que os fundamentos e princípios da economia solidária estão presentes no comportamento do grupo. Cabe a incubadora oferecer os cursos, as rodas de conversa, a socialização de ideias e o estímulo ao aprendizado, mas cabe aos membros do grupo a etapa mais difícil: reconhecer a capacidade de trabalhar. Os integrantes passaram a se reconhecer como grupo desenvolvendo a gestão compartilhada e a socialização de ideias. Convém ressaltar que o aprendizado não cabe exclusivamente ao grupo, é uma via de mão dupla, tanto ensina quanto aprende. Para a incubadora: "...esse grupo ensina que precisamos aprender a ensinar e aprender com eles, muitas vezes nós é que estamos aprendendo. A interação gera um bom resultado". (Entrevistado H)

Esse projeto não se trata apenas de um trabalho ou de uma atividade que foi designada, à incubadora, ao seu cumprimento, é algo que vai além dos limites institucionais, é uma questão ética e moral.

## **6 CONCLUSÃO**

A investigação que foi desenvolvida revelou uma realidade surpreendente em função da ideia de mudar a realidade da vida de um grupo. De acordo com as análises feitas é possível mostrar que formar um grupo tendo como base os princípios da

economia solidária tem sido um grande desafio, efetivamente porque tem contribuído para um novo modo de pensar e de agir. Durante a investigação, foi possível apurar que:

- Houve a melhoria da qualidade de vida do grupo, com relação a três aspectos: aprendizado, autoestima e incremento da renda;

- O Projeto Cantina Solidária atendeu as expectativas da incubadora, quanto a troca de experiências e principalmente quanto a reconstrução social de vida menos exaustiva. A partir desse projeto houve, inclusive a intenção de se criar o Fórum Municipal de Economia Solidária e a formação de redes.

- Na Dimensão econômica foi percebido que nos dois anos do projeto a circulação financeira foi relevante e que vale a pena investimentos nesse tipo de empreendimento, pois há relevância em diversos níveis: social, ético, de circulação de renda e de oferta de serviços.

- A fase da desincubação, prevista para 2015, considerada como a etapa mais complexa. Por parte da Coopermasol, a incerteza de não saber para onde vai e como se dará a formalização, por parte da incubadora, a sensação de impotência, pela necessidade de melhorias na infraestrutura da cantina, de mais cursos, de maior frequência dos encontros e das oficinas. Percebe-se assim que o trabalho de inclusão de pessoas excluídas do mercado de trabalho, com dificuldades em todos os níveis é árduo, conflitante e lento.

Apesar do reconhecimento das limitações do projeto esta pesquisa traz como resultado que algo de bom aconteceu na vida de cada um que participou do projeto. O grupo estudado foi qualificado e está apto para o mercado. O estudo foi um caso de INCLUSÃO SOCIAL. Concluímos que o maior legado foi o desenvolvimento endógeno, de dentro para fora e a gestão de empreendimentos solidários da Universidade Estadual de Feira de Santana tem-se mostrado promissora para desenvolver ações e projetos baseados nos princípios solidários.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Marcos; QUINTELA, Sandra. Economia a partir do coração. In: SINGER Paul; SOUZA, André Ricardo de (Orgs). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 317-332.

CUNHA, Gabriela Cavalcanti. **Economia Solidária e Políticas Públicas**: reflexões a partir do caso do programa Incubadora de Cooperativas, da Prefeitura Municipal de Santo André, SP. 2002. 171p. Trabalho de Conclusão do Curso (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, 2002.

LIMA, José Raimundo O. **Economia popular e solidária enquanto economia política dos setores populares**: princípios e dimensões fundamentais. Conferência proferida no II Seminário da Casa do Trabalhador de Feira de Santana, dezembro de 2011, Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico - Feira de Santana.

NUNES, Débora. **Incubação de Empreendimentos de Economia Solidária**: Uma aplicação da pedagogia da participação. SP, editora Annablume, 2009, 350 p.

OLIVEIRA, Luiz José Rodrigues de. **Incubadoras universitárias de empresas e de cooperativas**: Contrastes e desafios. Campinas: UNICAMP, 104p. Trabalho de Conclusão do Curso (Mestrado em Política Científica), 2003.

PAEZ, Luis Francisco Verano. **Economia Solidária, uma alternativa ao Neoliberalismo**. Santa Maria: Sesma, 2001.

PITA, Flávia. **A Economia Solidária e o Estado**: Lições a partir de um Caso Concreto. 2013, p.1-24.

PITA, Flávia, LIMA, José Raimundo O. **Normatizando a Solidariedade: Relato de Experiência de Construção Coletiva de Regras de uma Cooperativa Informal de Economia Solidária**. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, 2013, Salvador (Ba).

SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro. **Associativismo e Desenvolvimento**: O caso da Região Sisaleira da Bahia. Feira de Santana - Bahia: UEFS Editora, 2010, 216p.

SINGER, Paul. **Economia dos setores populares**: propostas e desafios. 2000, p. 143-165.